
NO PALCO DA MEMÓRIA A ORALIDADE APRESENTA: O COTIDIANO RURAL ENTRE PRÁTICAS E ESPAÇOS HÍBRIDOS

Jucilane de Sousa Carlos¹
Universidade Estadual do Ceará - UECE
juciaguia@hotmail.com

1 – Introdução

Variadas são as formas em que o homem expressa suas emoções, sentimentos, desejos e medos, bem como as significações para espaços e práticas refletidas nos sentidos do seu fazer histórico. Caminhar entre espaços e práticas quer rurais como urbanas com o foco de compreender as distâncias e proximidades vivenciadas nas relações dos sujeitos ocupantes do campo.

São relações que selecionaram do urbano e aplicaram no rural, porém com significados peculiares. Homens e mulheres contornaram o cotidiano rural entre os afazeres domésticos, no trabalho, no lazer entre outros. Relações que traçam um cotidiano híbrido pelo fazer e viver entre urbano e rural.

Distribuímos o registro de nosso estudo em três momentos. Memória e Oralidade e suas possibilidades de captarem das fontes a interpretação do processo em que a relação rural e urbana dista do funcionamento de cada espaço. Em segundo plano perceber como as fronteiras da urbanidade saíram dos limites da cidade e o fundamental papel das relações dos moradores de Sítio com esse esboço. Finalmente o cotidiano rural desenhado por espaços e práticas híbridas e vivido por entre recusas e aceitações de seus moradores nas mais diversas faixas etárias.

O cotidiano é entendido como aquele em que o espaço praticado, conforme Certeau² gera os lugares. Indivíduos que ao nortear suas práticas como o vestir, comer, trabalhar, diversões, atos religiosos..., fazem uso de estratégias que localizam o Sítio entre espaços e lugares quer rurais como urbanos. O “lugar é a ordem [...] segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência [...] configuração

¹ Mestranda pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Curso: Mestrado Acadêmico em História. Linha de Pesquisa: Práticas Urbanas. Eixo Temático: Urbanidade e Ruralidade: Transposições Identitárias entre Cidade e Campo. Orientador: Dr. Erick Assis de Araujo.

² CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, 2008:201). Já o espaço fica inscrito como “o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais” (CERTEAU, 2008:202).

Assim o misto de espaços e lugares entre tramas do rural e do urbano requer intervenções híbridas, uma vez que compreender o fazer diário entrelaça-se ao meio físico e relacional. É uma discussão onde a “hibridação é inseparável de uma consciência crítica de seus limites, do que não se deixa, ou não quer ou não pode ser hibridado” (CANCLINI, 2008: 27). A hibridação surge da criatividade individual e coletiva, quer atrelada ao tradicional como no desenvolvimento tecnológico.

O mesmo autor deixa claro que os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de formas separadas, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2008:19). Gerações que ao construírem seu cotidiano, não abandonam práticas de outrora, há uma mistura do ontem com o hoje.

2 - A Visita da Oralidade ao Palco da Memória

A História Oral caminha no palco da memória desvelando os traços que construíram o cotidiano entre espaços e práticas. Pessoas que entre suas ações e reações na relação com o espaço urbano estabeleceram vínculo e afastamento com pessoas, pessoas e objetos, assim como pessoas, objetos e situações.

Nesse palco também é apresentado às ações diárias das pessoas em seu meio rural por entre trabalhar, morar, festejar, rezar, chorar, entre outros. Ver, sentir e entender o processo que elabora o cotidiano. Cotidiano desvelado além da transmissão de tradições, uma vez que perpassa por experiências e a essência de seus atores que também são os escritores.

Assim, percebe-se oralidade e memória numa relação íntima com a história, já “que a história oral tem tido especial importância, não tanto por seus produtos, mas mais por seus processos: pelo envolvimento maior na recuperação e na reapropriação do passado que a história oral possibilita” (AMADO, 2006, p.78). São contribuições que apenas elencam o fazer historiográfico, voz de anônimos ganhando espaço, ou melhor,

pessoas e situações dizendo de um passado até então guardado por não ter recebido o devido valor.

A memória é o local desse passado que pode ser recuperado e reapropriado, já que a “narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a *memória*” (BOSI, 1994, p.68). As entrevistas foram realizadas com os mais idosos e que por sua vez morassem no espaço rural da pesquisa há mais tempo. Construímos assim um quadro, homens e mulheres, pessoas nascidas na primeira metade do século XX, 1930 a 1954, e que vivenciaram desde sua infância o recorte de nosso interesse.

Atualmente, quando da realização das entrevistas, esses entrevistados são pessoas idosas e peça chave para a pesquisa, suas falas efetivando a compreensão do “vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância”(BOSI, 2004, p. 82).

Falas que apresentam em ocasião das entrevistas ansiedade por verem diante de seus olhos o devido valor de suas experiências e a oportunidade de relacioná-las as práticas de produção de seu espaço. É uma encruzilhada de caminhos em que o pesquisador pode construir a percepção de tempo e espaço nas experiências das pessoas.

Estudamos o Sítio Estrada, este é parte do Distrito de José de Alencar, no Município de Iguatu - Ceará. O município de Iguatu, distante cerca de 380 a 400 km da capital Fortaleza, no Estado do Ceará, localiza-se na mesorregião centro-sul cearense.

Nascer, crescer nesse município e morar na sua área urbana trouxe a possibilidade de vivenciar nas duas últimas décadas do século passado como também na década atual, as mudanças e permanências. Já a manutenção dos laços familiares com aqueles que moram nos Sítios, ora tios, primos e avós, vindos à cidade, ou, por eu, meus pais e irmã indo para os Sítios, aguçou a sensibilidade para os usos e desusos de espaços e práticas nos Sítios.

A escolha de um Sítio vem da necessidade de viabilizar a pesquisa, uma vez que são inúmeros os Sítios deste município. É uma redução do olhar para direcionar as discussões, observações mais detalhadas e apreciação mais crítica. Uma vez que todos

os sítios estariam diretamente ligados pela entrada da variante rural e urbana, convivendo entre permanências e mudanças.

Entender o reflexo no cotidiano rural da relação destes com as modificações urbanas ocorridas na cidade durante a segunda metade do século XX é um deslocamento do nacional para o regional. O uso da História Oral no trato das falas de seus moradores por meio de entrevistas permitindo ver no município de Iguatu os arranjos urbanos e no Sítio Estrada a compreensão das formas e contornos que o Sítio adquiriu em seu meio técnico e relacional, mediante sua relação com a urbanidade. A memória é acordada e a oralidade age em concomitância desta diante dos usos e desusos entre espaços e lugares para o campo num misto de rural e urbano.

3 – Ações Urbanas: Limites e Fronteiras em Crise

A cidade é vívida e no processo de urbanização cria ou recria lugares em distintos espaços. A urbanização brasileira verificada em seu dorso traz marcas do seu desenrolar a partir do século XVIII até seu auge em pleno século XX, mas especificamente na sua segunda metade. É um campo de concentração pertinente para adentrarmos neste processo, ponto importante que colabora na lógica posterior para o funcionamento rural.

O território brasileiro passa por sua urbanização em macro espaços e subespaços, proporcional ao processo de mecanização, industrialização, comercialização e informatização do território. Intervenções advindas do elo informacional, científico e técnico, que em Milton Santos³, é abordado numa perspectiva geográfica para a organização do espaço da cidade, porém com suas contribuições na análise histórica.

Força pulsante na integração de lugares dantes imagináveis mediante estradas de ferro e abertura de rodagens proporcionais à relação com a industrialização, comercialização e informatização. A divisão do trabalho é a dinâmica para o funcionamento das cidades sob nível de intensidade bem particular a cada realidade, características e distinções que singularizam simultaneamente o espaço de sua perspectiva nacional, regional até a local. Em áreas menos densas ao invés de especialização temos a acumulação de funções, como exemplo, o Nordeste, que entre a

³ SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. 5. ed., 2. reimp. –São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

rede urbana sofre distintas proporções, principalmente quando atentamos para cada cidade e seu campo.

Saímos da ênfase nacional da urbanização para sua atuação local. O sentido aplicado é que na concretude do consumismo nasce o paralelo na geração de mais bens de troca, envolvendo mais pessoas na economia e no trabalho, mesmo que ainda não seja fixo. A economia desarticula a população dantes produtora e consumidora dentro de seus limites e a envolve num “movimento de descentralização”, ou seja, espaços obsoletos agora estimulados pela ocupação da industrialização, gerando e girando mercados financeiros.

Conforme ainda Milton Santos o processo brasileiro de organização das cidades é atrelado aos usos empreendidos neste espaço urbano. Espaço traz como sinônimo suas relações funcionais, onde a distância geográfica não é mais empecilho de articulação com outros espaços. O comando local foge de cena, uma vez que a regulação da economia e do território também vai dizer de um processo produtivo espalhado e tecnicamente fragmentado.

Todo esse meio suscitado na e pela cidade revela que a mesma além de gerenciar os produtos saídos do campo gerou outro meio geográfico⁴, agora, já devido ao conteúdo em técnica e ciência as alterações tornam dependentes “novos comportamentos humanos”, acelerando “a necessidade da utilização de recursos técnicos, que por sua vez constituem a base operacional de novos automatismos sociais”. (SANTOS, 2009, p. 51)

A forma como o “capital”⁵ é administrado faz no espaço ocupado reduções e criações de lugares. Assim o Município de Iguatu entra na roda da pesquisa sobre sua vivência local na modificação de fase no campo, saindo do pouco sentido atribuído ao capital para outra fase, em que o mesmo é difundido rapidamente. Já as conseqüências que vêm através das novas formas tecnológicas, novas formas organizacionais,

⁴ Milton Santos esboça termos como “*tecnoesfera*” e “*psicoesfera*” como colunas para o meio científico-técnico trazendo à tona a racionalidade no próprio conteúdo do território. Atribui ainda ao território nacional uma divisão espacial em face da contemplação incompleta dos *automatismos técnicos e sociais próprios à modernidade tecnicista*, são áreas com a presença maciça, parcial, enquanto ocorrem outras com sua quase inexistência. Seriam as *regiões do mandar e regiões do fazer* (2009: 51).

⁵ LEMES, LEMES, MATOS, Op. cit. p. 822 2 823.

rapidamente instaladas, são notórias, todavia essa ação em sua totalidade atinge áreas maiores, mas também é verificada em subespaços.

O município de Iguatu no seu processo de construção passou pela colonização dos povos nativos, os Jucás e Quixelôs, em vias de possibilitar aos colonizadores a dupla atividade: agricultura e pecuária. Etapas vividas com conflitos entre as etnias já presentes nessas terras, posteriormente entre os nativos e colonos, colonos e colonos, desencadeando tumultos por terra e por água. Em meio a aldeamento, conflitos, prática da agropecuária e influência nos municípios vizinhos através de seu comércio, a Vila Telha passa a Cidade de Iguatu em 21 de agosto de 1874 por meio da Lei provincial nº 1612, conforme Nogueira, 1985.

Nesse município, das atividades que fazem a sua dinâmica as de maior destaque são a agropecuária e o comércio, sendo a faixa da população que ocupa o campo a grande responsável pela vida econômica. A construção em 1908 da Estrada de Ferro de Baturité passando em Iguatu trazendo para cá crescimento nas atividades comerciais, uma vez que a rapidez no intercâmbio com a capital, Fortaleza, contribuiu no escoamento da produção principalmente o algodão. Anos de instalação de indústrias que beneficiavam os produtos cultivados aqui nesse solo, mais de 40 lojas em todo o município, basicamente o beneficiamento de arroz e algodão, envolvendo a população rural como a urbana, conta-se também a presença de uma subagência do Banco do Brasil para o crédito bancário que os agricultores também faziam uso. (NOGUEIRA, 1985, p.112-159).

A iluminação elétrica⁶ funcionando a partir da força de motor, data de 1923, ano que também é inaugurada a Associação Comercial, Industrial e Agrícola de Iguatu, esta três anos depois realiza o “Congresso Algodoeiro Regional”, três dias de debates entre industriais, compradores de algodão e banqueiros, (NOGUEIRA, 1985, p. 196-197), num município que despontava em nível de Estado como um dos maiores produtores de algodão. Nota-se Iguatu inserido no contexto – estadual e nacional - agrário-exportador diante de participantes desse congresso como os integrantes do “Centro dos Importadores de Fortaleza”, “Sociedade Cearense de Agricultura” e “Companhia Industrial de Algodão e Óleos”. Discussões e conclusões interessadas na quantidade das

⁶ Encaminhada as obras para o fornecimento de Energia Elétrica a partir da Hidrelétrica de Paulo Afonso - Fonte: Jornal “O Povo” 15/03/1962.

safras anuais e seus benefícios no mercado, desligadas de preocupações e intervenções diretas para a qualidade de vida do homem no campo e na cidade para Iguatu.

Dados que mostram como a cidade é pensada e vivida a partir da administração do que o campo fornece. Esses dados são pilares que na segunda metade do Século XX dizem do contínuo investimento nas atividades para a área urbana. Sua última década atinge um considerável e variado centro comercial⁷ que além de atender os moradores da área urbana, também recebe os moradores de suas zonas rurais e das cidades vizinhas.

As ruas do centro urbano de Iguatu se comunicam pelo trânsito de pedestres, carroças, animais como cavalos e jumentos, automóveis, ou seja, meios que os moradores da zona urbana como da zona rural detinham para deslocamento. Vem desde 1917 a prática de calçar as ruas mais comerciais da cidade e tem-se no casebre da preta Joaquina Margarida o lugar para se deixar os arreios por aqueles que vinham das zonas rurais, (NOGUEIRA, 1985, p. 155), curioso observar quando da realização dessa pesquisa que a cidade tem estacionamentos para os carros que diariamente vem dos Sítios, local conhecido por guardar os carros dos feirantes, além da proibição da circulação de animais por seu centro comercial.

A variedade comercial da cidade de Iguatu⁸ diz de produtos e alimentos trazidos de outras cidades, aqui originados e por seus moradores de Sítios confeccionados, é tão comum essa prática que é quase impossível especificar quem confecciona e o quê confecciona, uma vez que sob perspectiva ampla de sociabilidade traziam para a venda e troca aqui no centro comercial a:

“... cangalha (montaria de madeira), sela (montaria de couro), chapéu e vassoura feitos da palha de carnaúba, suador (almofadas compridas para proteger o lombo de cavalos ou burros da sela ou cangalha), redi (parte do arreio para animal que fica na cabeça, usado mais em cavalos ou burros), cambito (dois ganchos de madeira amarrados por cordas na cangalha, usado para carregar lenha), gibão (roupa de couro para vaqueiro), sandálias currulepe feitas de couro curtido com pneu, garrafadas (remédio a base de

⁷ JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DO CEARÁ / Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – coleta de dados referente ao período de 01/01/1990 a 31/12/1999, apresentando resumo de 1.664 atividades no município de Iguatu. Data de pesquisa: 22/01/2007.

⁸ Nogueira deixa claro em sua obra, que Iguatu quando de sua ocupação através de datas e sesmarias era terra propícia para boas fazendas na criação de gado e sítios para o plantio de arroz, milho, feijão e fumo, particularmente. Os proprietários passaram a ter influência na vida política e administrativa, constituindo proporcionalmente o seu desenvolvimento econômico. (1985:43).

raízes e cachaça que depois de três dias enterrada eram utilizadas como medicamento para reumatismo), rendas, landuá (arco de pau com uma rede de linha usada na pescaria), tarrafas (rede de linha com pedaços de curtiça ou rolha para pescar), caçuá (cesta de cipó), sabão da terra feita com carne ou tripa de porco com potassa, fumo”⁹.

O centro comercial de Iguatu ofereceu uma miscelânea em aparência de confusão, mas com essência de comunicação direta entre o urbano e rural. A representação acima de uma maior abrangência dos produtos que os Sítios forneciam à cidade também demonstra que entre a prática da agropecuária no cotidiano rural aqui eram construídos os objetos e utensílios para as suas necessidades. Objetos que comercializados na cidade eram levados a outros Sítios, e que até mesmo na cidade foram comprados por seus moradores.

Se a agricultura foi o motor que punccionou a cidade desde seus tempos de Fazenda ou Sítio, Vila até Cidade, as atividades comerciais foram o combustível que distribuíram a força para o funcionamento dessa articulação simbiótica entre rural e urbano. É pelo Sítio Estrada que adentramos na compreensão do espaço rural, uma vez que tencionamos ser cada Sítio, aqueles que constroem a zona rural de Iguatu, possuidores de motivações nessa relação mútua com o urbano, assim como também terem construído no seu tempo, espaço e práticas os significados híbridos em seu cotidiano.

As fronteiras urbanas e rurais tornaram-se simbólicas, uma vez que o ir e vir de pessoas entre cidade e Sítio de constante passou a ser intenso. As palavras que seguem entre os parágrafos vêm de um morador do Sítio Estrada, com reflexo e reflexão sobre o ir à cidade com mais rapidez, numa emergência, era possibilitado pelo carro “Nessa redondeza todinha aqui só quem existia carro aqui, eu e Valdemar, só nós dois, e era frete direto”¹⁰, por doença ou porque a mulher iria ganhar nenê era o carro que fazia o

⁹ Informações condensadas no artigo de conclusão de curso “Graduação em História” por meio de Entrevista realizada a Celunir Carlos de Sousa – 54anos atual moradora da rede urbana e oriunda da vivência rural .

¹⁰José Nilton Alencar – 64 ANOS DE IDADE - morador do Sítio Estrada, nasceu aos cuidados de parteira sendo ensinado a chamá-la de “Mãe Velha” e pedir a bênção, aprendeu a ler em casa junto com seus 09 irmãos, através de uma professora que seu pai pagava. Casou com 27 anos e sua esposa já “velha” com 15 anos de idade. Junto com Seu Valdemar, foram os primeiros a transportarem pessoas a carro para o centro urbano de Iguatu. Entre levar e trazer mulheres grávidas, até a casa de saúde, para ter filho, e os moradores do sítio Estrada junto com o mobiliário comprado na área urbana de Iguatu para suas casas,

transporte. Seu uso começou por volta da década de 70, quando não, era através do animal ou a pé que o transporte era feito, muitas vezes se perdia a carga de açúcar, pois o jumento ao passar no lago em épocas de cheias cai em buracos e toda a carga era levada pela água.

A escola da cidade chegava ao sítio através da moradora vinda de Fortaleza e que era paga pelos pais para que seus filhos aprendessem pelo menos o nome. Geração que na fase adulta encaminhou seus filhos para a escola já instalada no Sítio Estrada. Filhos que poucos foram à roça deixando a sensação de troca, estabeleceram vínculo com o emprego da cidade e compõem uma geração onde “a pessoa só quer futuramente só o emprego! Vê hoje em dia, a maior parte dos rapazes diz: vou arranjar um emprego pra mim e pronto. Pra roça não quer ir mais. Só ainda vai ter um povinho que faz as coisa na roça, os mais velhos, os mais novo não”.

São gerações que trocam o fazer cotidiano, mas ocupam o mesmo espaço, não seria então um ressignificar de práticas e até mesmo espaço! Trocas de objetos e serviços entre urbano e rural. Cidade e Campo saem da moldura de mapas e perdem os limites geográficos, mas reconhecidos através da voz de sujeitos que cotidianamente ditam os espaços de sua história, processo diário que envolve as práticas na produção de espaço, direção aqui aplicada a partir das significações que os moradores do Sítio Estrada investem num imaginário rural e urbano além de apropriações realizadas, uma vez que:

Ao falarmos de espaço, seja urbano ou rural, é sempre necessário reforçar que este apresenta especificidades, decorrentes de sua construção histórica, e daí ainda que se possa falar de mudanças, diversificação e modernização (de múltiplas ordens, na introdução de inovações tecnológicas, nas formas e relações de produção, nas relações de trabalho, no desenvolvimento das forças produtivas etc.), em uma perspectiva geral, é no plano singular que devemos mostrar as diferenças. Portanto, o que temos são novos elementos que resultam de transformações históricas no processo de produção do espaço. [...] Outro fator quem poderia ser considerado é o tipo de consumo que se faz em determinado espaço, porque seria importante na definição dos valores priorizados pelos habitantes e mesmo forneceria “pistas” de uma cultura, como conteúdo rural ou urbano mais marcado. Nesse caso, caberia estabelecer a relação com certo conjunto de representações dos habitantes, ajudando a precisar de se o “modo de pensar” encontra mais relações com o que se convencionou pensar como “urbano” ou se com o “rural” (SPOSITO, 2006, p. 46 – 47).

gaba-se porque em 38 anos de motorista não sofreu nem causou nenhum acidente. Criou seus 05 filhos sem conhecerem o caminho da roça e sim o caminho da escola, onde um dos filhos é professor no sítio Estrada. Entrevista em 17/05/2009.

Os sentidos para o espaço da cidade e do campo estão proporcionais as práticas de seus ocupantes, caminho entre conteúdo e relações. São representações do espaço construídas e determinadas historicamente pelo imaginário social. Ênfase capaz de explicar, mobilizar e dar sentidos a ações. Ações que possivelmente estão a desencadear relações, espaços, práticas, hábitos entre outros arranjos que constroem o cotidiano.

4. Desenhos Híbridos no Cotidiano Rural

O Sítio Estrada, pertencente ao Distrito de José de Alencar, na cidade de Iguatu, região centro-sul do estado do Ceará, tem seu início como Sítio “Tabuleiro da Estrada”. “O nome Estrada originou-se por ser uma estrada (caminho) que ligava Sítio Cachoeira a Fazenda da Serra (hoje José de Alencar)”. A primeira casa do Sítio data de 1826 e pertenceu ao Major Antônio Alves Silva, quando em 1911 no local desta casa foi erguida a primeira Capela, dedicada a Padroeira do Sítio Estrada, Capela da Senhora dos Remédios. José de Alencar, Distrito que passa a ser extensão do Município de Iguatu em 20 de dezembro de 1938, por força do Dec-Lei nº 448. Atualmente são 84 famílias morando no Sítio Estrada¹¹.

O Sítio Estrada¹² inicia exatamente pela comunicação entre Sítio e Fazenda, Cachoeira e Serra, respectivamente. Percebemos que comunicação e sociabilidade, na prática, ocorrem entre os moradores de Sítios vizinhos, como os mais distantes, além de migrações freqüentes. Entre o Sítio Estrada e seus vizinhos próximos e distantes as pessoas se davam em casamento, compravam ou alugavam terras para morada ou plantio, convergiam de Sítios diferentes para as festas dançantes ou religiosas. Mobilidade que não deixava de ocorrer por ser a pé, de animal – cavalo ou jumento - ou de carroça.

¹¹ Cf. História da Comunidade: Sítio Estrada. Literatura anônima. [199-] Produzida por Josefa Iriam A. Lavor, a informação foi cedida por Clenilton, morador do Sítio Estrada e dono da Literatura.

¹² As informações que temos do Sítio Estrada, além de dois folhetos produzidos pelos próprios moradores, são fontes construídas a partir de entrevistas aos moradores do Sítio em questão. Pessoas que no período estudado compreendem a idade a partir de 20 anos. A observação feita nesse espaço seja no período de realização da pesquisa, ou até mesmo viva em nossa memória, a partir da constante freqüência a esse Sítio por mais de três décadas, também contribuem na proporção que ocorre a escrita através do uso de trechos, fragmentos ou contextualizações.

Fazer referência ao Sítio vizinho ou o mais distante é como dobrar na próxima rua à esquerda. Numa paisagem sem prédios, praças ou placas indicando o endereço, a movimentação pelas estradas de terra ocorre seguindo a orientação em que cada rodagem possui por passar pela casa de “seu...”, pela casa da “dona...” ou ainda por ficar próximo de uma árvore grande. Sítios separados por nomes, porém longe de seus limites físicos impedirem a comunicação entre seus moradores, já que a movimentação é uma constante.

Entram em cena vida e voz de dona Helena¹³, senhora de 74 anos de idade vivendo no Sítio Estrada. Foi seu pai quem doou o terreno para a construção da escola, porém apenas as filhas foram sentar nessas cadeiras, aos homens a lição era recitada na roça mesmo, debaixo do teto de sol ou chuva e no cabo de enxadas.

Costureira de chapéus junto com outras mulheres, complemento da renda, dinheiro que ajudava na manutenção dos dias “eu criei uma menina, a caçula, foi fazendo chapéu, vendendo e comprando roupa pra ela”. Sua mão-de-obra ia desde tirar a palha da árvore, fazer a trança, costurar o chapéu e depois vendê-lo, “coisa melhor que tem é poder fazer chapéu, mas hoje não tem mais tempo, só dar pra luta de casa”.

Até que ponto a falta de tempo é motivação para Dona Helena não mais confeccionar chapéus? Em sua fala apresenta outras motivações como: “Hoje o pessoal não quer mais chapéu, é só boné, né!”. Até porque seu ritmo era de trabalho manual na confecção de chapéus, lida doméstica e criar onze filhos com seu esposo trabalhando na roça, hoje, quando do levantamento da entrevista, ainda mora com o esposo e apenas três de seus filhos, além do mais ela e seu Manuel, seu esposo, são aposentados, recebem mensalmente um salário mínimo como benefício do governo.

Da necessidade, hábito e lazer de outrora nas noites de chuvas, fazer chapéu, os dias passaram a mostrar outras possibilidades. Em Iguatu o que mais gosta de fazer ou um dos lugares que mais frequenta, “eu gosto mais das lojas”. No Sítio Estrada há o reconhecimento que o capital gira e gera as relações entre as pessoas, relações que saíram da restrição urbana, para Dona Iriam¹⁴ o dinheiro é o pivô dessas relações “o dinheiro que gente ver, que realmente movimenta. A casa que tem um aposentado tem

¹³ Dona Helena Andrade de Lavor, moradora do Sítio Estrada. Entrevista em 14 de maio de 2009.

¹⁴ Josefa Irian Araújo Lavor (Maninha) – 55 anos. Entrevista em maio de 2009.

cinco seis pessoas e pronto essas pessoas não trabalham”. Note-se que a mesma também identifica negatividade desse misto de facilidades e acessos que o dinheiro oferece.

Comprar é hábito comum, dona Helena é mais uma dos idosos que moram no Sítio Estrada. Diariamente há carros que fazem linha entre a zona rural e a parte urbana de Iguatu. Quando na feira, dona Helena é direta ao afirmar sua preferência “gosto de comprar móvel”. Da casa mobiliada por “pote, tambor e cangaia” passa a receber três televisores, geladeira, celular, armário de cozinha, mesa e cadeiras de ferro, agora as compras vão ter uma pausa, pois a casa vai ganhar reforma.

A cidade é dentro do contexto espacial e histórico “marcada pela concentração [...] espaço propício à realização de atividades que requerem encontro, proximidade ou possibilidade de comunicação, especialização e complementaridade de papéis e funções” (SPOSITO, 2006, p. 116). Aglutinando mais intensamente os hábitos e possibilidades de comprar que os moradores do Sítio Estrada construíram, adquiriram e expressam diariamente, seja por sutilezas ou mesmo diretamente.

Comunicação e movimentação entre sítios, como entre sítios e cidade. Fazeres no Sítio Estrada reconhecidos e significados pelas relações de seus moradores com a cidade, vejamos o dialogo estabelecido por três moradores do Sítio Estrada, logo no final de uma das entrevistas realizadas:

“Por que quê as mulheres de hoje trabalham menos, tem menos filho pra criar e reclamam mais? Enquanto que antigamente as mulheres trabalhavam mais, era! Ia pra roça, pilava arroz, milho, lascava uma lenha pra fazer fogo pro modo cozinhar, às vezes até carregava água, tinham uma arruma de filho e não reclamava?”¹⁵

“Hoje não é como era antes. A mulher não trabalha na roça, mas trabalha na rua, quando chega ainda tem que fazer comida, lavar, limpar. Fazer uma arruma de coisa.”¹⁶

“Olhe esses calos aqui na minha mão são da mão do pilão, do cabo de uma enxada, de tudo eu fazia. Hoje se eu posso comprar, é claro que eu vou comprar. E pra quê ter tantos filhos assim! Tudo é mais difícil! É comprado!”¹⁷

¹⁵ José Nilton Alencar – 64 ANOS DE IDADE - morador do Sítio Estrada.

¹⁶ Zildethe Carlos Limeira – 63 ANOS DE IDADE – moradora do Sítio Estrada a mais de 28 anos, casada e junto com seu marido criou seus 07 filhos a partir da labuta na roça. Atualmente apenas o filho mais novo não é casado, um dos filhos reside no Sítio Estrada como trabalha na lida da roça, outro trabalha no Sítio, mas como diretor de uma escola e 04 filhos todos trabalham e residem na parte urbana de Iguatu. Essa senhora juntamente com seu esposo é dentre muitos beneficiados pelo governo federal, através da aposentadoria.

“Só sei que hoje as mulheres reclamam até se compra um arroz e quando vai fazer acha uma escolha dentro. Meu Deus! Sabe o que é lá trabalho não! Uma escolha!”

18

São complementos e estranhamentos entre gerações estabelecendo tempo, regras, costumes nos traços do cotidiano rural. Meios que chegaram, foram trazidos e implantados nas silhuetas do dia-a-dia, mudanças percebidas que Dona Irian reconhece,

“A gente sabe que mudou! Eu tenho cinquenta e cinco anos e a gente olhando para trás e como foi a minha infância, como foi minha juventude, para as coisas de hoje! Temos o progresso que veio aí com tudo, que a gente acha muito bom e que também, a televisão que acabou aquele aconchego da família”.

Os sítios vivem as peculiaridades próprias dos que não passaram pela mecanização de sua agricultura de forma a corresponder o ritmo da industrialização e comércio. Dona Irian esclarece diante do fato de ser:

...tão difícil hoje você plantar, quando você vem colocar uma roça, comprar um adubo, que você vem comprar o veneno, a mão-de-obra não tem, pois não querem mais trabalhar. Aí o que é mais fácil? É muito mais fácil você comprar, às vezes sai muito mais em conta. Acho que por isso gera, as pessoas irem desprezando os costumes, a tradição. De primeiro tinha àqueles engenhos, aquelas casas de farinha. Aqui não tinha não, mas perto tinha, mas hoje não tem mais.

Fala que consegue estabelecer mais que comparações, mas infere análises de fases históricas, seus arranjos e distribuição destas:

O leite é um alimento que todo mundo usava, pelo menos no Sítio. Lá em casa o lanche pela manhã a gente usava leite, hoje você não usa. Na minha casa mesmo, que a gente lida com leite, eu lido com trabalhador todo dia e todo dia de manhã merenda, almoço, mas você não faz mais aquele lanche com leite, porque um não toma leite, não come queijo. E o cuscuz, essas coisas que as pessoas têm o costume do comer, não comem hoje. Hoje todo mundo sabe o que faz mal para o colesterol, o que faz mal para a diabete. Aquelas pessoas que antigamente viviam cem anos comendo o arroz, o feijão e a farinha, hoje você não usa mais. O que foi que melhorou que o progresso trouxe: hoje todo mundo tem acesso aos legumes, as verduras, os enlatados como eu falei. Todo mundo sabe o que é, hoje não precisa ninguém assim: ah, porque fulano mora no sítio não conhece as coisas. Todo mundo tem acesso e como veio às facilidades aí vem o comodismo, aquela preguiça

¹⁷ Maria Rodrigues de Lavor Silva – 62 ANOS DE IDADE - moradora do sítio, filha de agricultores, estudou apenas na infância no Sítio Estrada mesmo, experimentou o peso da palmatória aplicada pela professora na escola. Quebrou a vasilha de barro que levava a comida para o pai e os irmãos na roça, cabendo aos mesmos retirar de dentro dos cacos de barro a comida que servia para matar a fome. Seu pai vendia algodão no centro urbano de Iguatu e comprava sapatos e roupa para a família. Cansou de trabalhar na roça mesmo embaixo de chuva e com cólicas menstruais, pois devido à vergonha não se dizia o que sentia.

¹⁸ José Nilton Araújo.

mesmo de não fazer, você vê hoje mesmo aqui um pai agricultor não quer que o filho vá para a roça. E quando a gente vê que tudo sai da roça, tudo sai daqui do Sítio.

Fazer referência a área urbana tem valores diferenciados entre os moradores do Sítio Estrada devido aos interesses de cada geração. Socialização rural com o espaço urbano que selecionou o que levar para o Sítio. Sítio arrumado por seus moradores por entre práticas e espaços para o cotidiano rural.

Nos recortes das falas dos moradores do Sítio Estrada entrelaçamos nas práticas da cidade seu alcance ao campo, não só no fornecimento de objetos, mas pertinências urbanas que se espalham. Acesso a compras, mudanças complexas como nos hábitos alimentares, do trabalho, organização da casa, festas e outros. Mudanças singelas como o preparo de alimentos e o tipo de cardápio que passou a compor as refeições.

Possibilidades que surgem de múltiplas veredas, cogitadas seja pelas lembranças ou esquecimento. Memória que apresentou a singularidade do sujeito, a pluralidade de imagens do cotidiano narrado por seus moradores e todos estes vagueando entre o outrora e agora.

Finalizamos conscientes que a cortina não pode ser fechada, porque o espetáculo nunca acaba, renova-se a cada época. Renovação empreendida pelos atores que fazem do palco da memória um espaço vívido e propício a outras encenações. Outras temáticas sorratamente poderão perpassar nos palcos impedindo que a mesmice ou a incompreensão dos fazeres humano fiquem embaçadas entre os séculos do processo histórico.

BIBLIOGRAFIA:

- AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de M. (org.). **Usos & Abusos da História Oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BOSSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1994.
- CANCLINE, Néstor García. **Culturas Híbridas: Estratégias para Entrar e Sair da Modernidade**. tradução: Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; tradução da introdução: Gênese Andrade. - 4. ed. 4. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano 2**. Morar, cozinhar. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996.

_____ **A Invenção do Cotidiano 1.** Artes de Fazer. 14ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

História da Comunidade: Sítio Estrada. Literatura anônima. [199-].

LEMES, Carla da Costa; LEMES, Kátia; MATOS, Patrícia Francisca. Urbano ou Rural? Uma Análise do Distrito de Ubatã – Orizona (GO). XI – EREGEO – SIMPÓSIO REGIONAL DE GEOGRAFIA. **A Geografia no centro-oeste brasileiro:** passado, presente e futuro. UFG. Campus Jataí - GO. 04 a 07 de setembro de 2009.

NOGUEIRA, Alcântara. **Iguatu:** memória sócio – histórico – econômica. 2. ed. Fortaleza, 1985.

SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira.** 5. ed., 2. reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. WHITACKER, Arthur Magon. (orgs.) **As**

Categorias Rural, Urbano, Campo, Cidade: A perspectiva de um Continuum. 1ª Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.